

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/345140903>

INFLUÊNCIAS E OUTROS TEMAS NA LÍRICA DE FLORBELA ESPANCA /INFLUENCES AND OTHER SUBJECTS IN THE FLORBELA ESPANCA LYRIC

Article · June 2010

CITATIONS

0

READS

122

2 authors, including:



Via Litterae

Universidade Estadual de Goiás

280 PUBLICATIONS 28 CITATIONS

SEE PROFILE

INFLUÊNCIAS E OUTROS TEMAS NA LÍRICA DE FLORBELA ESPANCA

INFLUENCES AND OTHER SUBJECTS IN THE FLORBELA ESPANCA LYRIC

Maurício Silva* (UNINOVE)

RESUMO: O presente artigo procura analisar a obra lírica de Florbela Espanca, destacando suas principais características estéticas e, sobretudo, analisando as influências literárias sofridas pela autora portuguesa. Procedeu-se à uma análise de alguns poemas da autora portuguesa, bem como à comparação de seus textos com autores como Camões e Antônio Nobre.

PALAVRAS-CHAVE: Florbela Espanca. Literatura Portuguesa. Influências literárias. Lírica.

ABSTRACT: In this article we analyze the lyric work of Florbela Espanca, emphasizing its main aesthetic characteristics and, above all, analyzing how she was literarily influenced. Here we analyze some poems by the Portuguese author and make a comparison among her texts and texts from other authors such as Camões and Antônio Nobre.

KEYWORDS: Florbela Espanca. Portuguese Literature. Literary influences. Lyric.

* Doutor em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é coordenador de Pós-graduação em Educação na Universidade Nove de Julho (UNINOVE). E-mail: maurisil@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Já se tornou um truísmo na história das idéias ocidentais reconhecer que, com a passagem do século XIX para o XX, assistiu-se a uma série de inevitáveis transformações de hábitos profundamente arraigados em nossa cultura. Mais do que um conjunto variado de transformações, a virada do século significou também a conquista de uma imensa gama de valores, os quais já vinham sendo mais ou menos esboçados há algumas décadas: conquistas, talvez, algo insólitas para a época, mas que alcançaram um lugar definitivo dentro da história do comportamento humano, entre as quais se destacam a ascensão da voz *feminina* na literatura, até então limitada a pouquíssimos exemplos que, pelo talento e qualidade artísticos, lograram sobressair-se num universo profundamente masculinizado.

Em Portugal, especificamente, este fato encontrou sua confirmação na figura de uma das maiores poetisas que a nossa língua já conheceu: Florbela Espanca (1894-1930). Mesclando o que se pode chamar de um singular pessimismo romântico-simbolista a um erotismo estetizado, Florbela sobressaiu-se, na história da Literatura Portuguesa, como herdeira da longa tradição lírica que vai do intimismo neo-platônico de Camões ao pessimismo egocêntrico de Sá-Carneiro. Além disso, não seria exagero afirmar que determinados elementos da poesia de Florbela Espanca coincidem sintomaticamente com algumas tendências verificadas nos mais expressivos representantes da lírica brasileira.

Afora tais semelhanças - que, vez por outra, revelam-se mais do que mera coincidência -, podemos também analisar sua produção poética a partir de alguns temas e motivos ali recorrentes, como o egotismo, a solidão ou a presença da natureza.

1 TEMAS E MOTIVOS LÍRICOS

Pelos temas e motivos que aparecem de forma enfática em suas obras,¹ pode-se constatar, a princípio, que elas condensam em si a presença marcante do mais puro sentimentalismo: o *sentir*, neste caso, não é uma ocorrência esporádica e fortuita na obra de Florbela, mas, ao lado do *pensar* e do *amar*, constitui talvez o principal argumento de sua produção poética. É toda uma galeria de dores e saudades, de paixões não-correspondidas e vontades de morrer, de solidões e fanatismos a desfilar diante dos olhos enternecidos do

¹ Seu legado poético está reunido nas seguintes obras: *Livro de Magoas* (1919), *Livro de Sórora Saudade* (1923), *Charneca em Flor* (1930, póstuma), *Reliquiae* (1931, póstuma) e *Juvenília* (1931, póstuma), esta última composta por poemas da juventude, escritos antes de 1919, data de seu primeiro livro.

leitor.

Desse jogo quase onírico de sensações humanas, advém a força arrebatadora da poesia de Florbela Espanca, centrada numa sedutora simbologia representada sobretudo pela dicotomia vida/morte. (TORRES, s.d.) De fato, o onírico revela-se marca recorrente de sua poesia: num grande número de peças dessa auto-denominada *irmã do sonho*, ele surge em todo o seu estranho simbolismo e pujante vigor.

Já aludido antes, o egotismo presente na obra de Florbela parece estabelecer uma sutil relação com sua personalidade obstinadamente deslocada, fazendo com que o eu-lírico da poetisa se torne cada vez mais angustiado e deprimido. Não chegaríamos ao exagero de afirmar que o seu egotismo atinge a esquizofrenia completa, como costuma ocorrer com alguns românticos mais exagerados, mas não há como negar que, pelo menos, ele se encontra a um passo da loucura, como nos prova as duas últimas estrofes desse seu poema sintomaticamente intitulado "Loucura":

Pesadelos de insônia, ébrios de anseio!
Loucura a esboçar-se, a enegrecer
Cada vez mais as trevas do meu seio!

O pavoroso mal de ser sozinha!
O pavoroso e atroz mal de trazer
Tantas almas a rir dentro da minha! (ESPANCA, s.d., p. 35).

Esse fino traço de angústia e amargor, presente nos versos maduros acima transcritos, pode ser detectado já em suas primeiras peças líricas - é a trágica desilusão que, ao longo de sua vida, acompanhou-lhe todos os passos. Inevitavelmente, tal desilusão levaria Florbela aos mais profundos e ignorados terrenos do pessimismo derrotista, sentimento que pode muito bem ser resumido nas palavras que a célebre poetisa nos deixou no seu último ano de vida:

não tenho forças, não tenho energia, não tenho coragem para nada. Sinto-me afundar. Sou o ramo de salgueiro que se inclina e diz que sim a todos os ventos. (ESPANCA, 1982, p. 55).

Como podemos constatar também por meio de suas poesias, esse sentimento de derrota e de pessimismo levaria Florbela a um inevitável auto-enclausuramento, praticamente obrigando-a a trancar-se dentro de seu próprio e indevassável mundo, marcado pela mais profunda solidão, pela mais ferina tristeza, pela mais contundente saudade. Não sem razão, Florbela teria sido, acertadamente, chamada de "poetisa da dor". (CONCEIÇÃO JUNIOR, 1945, p. 14).

Ao que parece, o conjunto de motivos presentes na poesia de Florbela leva-nos

imediatamente a pensar naquele que surge como tema central de toda a sua obra, embora não seja o único nem, porventura, o mais recorrente: trata-se do *amor não-correspondido*. Com efeito, tema presente até mesmo na vida real da poetisa, o amor não-correspondido percorre quase todas as páginas de sua obra, constituindo-se numa espécie de amplificação da maioria dos sentimentos que a sua poesia nos revela, como demonstra o soneto abaixo transcrito:

O meu destino disse-me a chorar:
“Pela estrada da Vida vai andando,
E, aos que vires passar, interrogando
Acerca do Amor, que hás-de encontrar.”

Fui pela estrada a rir e a cantar,
As contas do meu sonho desfiando...
E noite e dia, à chuva e ao luar,
Fui sempre caminhando e perguntando...

Mesmo a um velho perguntei: “Velhinho,
Viste o Amor acaso em teu caminho?”
E o velho estremeceu... olhou... e riu...

Agora pela estrada, já cansados,
Voltam todos pra trás desanimados...
E eu paro a murmurar: “Ninguém o viu!...”. (ESPANCA, s.d., p. 54).

Com efeito, o sofrimento causado pelo amor não-correspondido eleva-se, na poesia de Florbela Espanca, como a temática por excelência dessa autora portuguesa que procurou conjugar em sua obra toda uma tradição estética, vertida nos mais sentidos poemas líricos da Língua Portuguesa.

2 INFLUÊNCIAS ESTÉTICAS

Parece ser inegável que Florbela - como, de resto, a maior parte dos poetas portugueses pós-renascentistas - tenha herdado alguns elementos estéticos essenciais da lírica camoniana: consagrado como o maior poeta de Língua Portuguesa, Camões logrou cunhar uma marca definitiva na tradição cultural de seu país, influência que pode ser percebida também no que se refere ao aspecto formal da literatura florbeliana. No que tange ao conteúdo, pode-se perceber uma flagrante aproximação das duas líricas, já deixando entrever a importância que o bardo lusitano teve para Florbela: o amor não-correspondido, o desconcerto do mundo, a revelação das dores e das amarguras do eu-lírico, tudo parece confluir para uma íntima relação entre ambos os autores.

Logicamente, revelam-se também diferenças claras entre estas duas vozes poéticas,

principalmente no que concerne à questão da dicotomia real/ideal, incidindo sobre a temática amorosa: de fato, enquanto em Camões o amor revela-se como uma manifestação de caráter contemplativo e ideal, resultado de uma mundividência visceralmente influenciada pela filosofia neo-platônica (CUNHA; PIVA, 1987), em Florbela Espanca o amor revela-se, repetidas vezes, como uma manifestação puramente carnal, de um realismo flagrante.

Atingindo o outro extremo da tradição literária portuguesa, podemos detectar, ainda, elementos comuns entre a poesia de Florbela e a de seu compatriota Mário de Sá-Carneiro, num contato entre dois autores que - a se fiar na teoria do suicídio de Florbela - até no trágico fim se revelaram extremamente parecidos.

Como em Sá-Carneiro, a poesia de Florbela também possui fortes apelos ao egotismo de natureza reconhecidamente pessimista, o que acaba por levá-la a um irremediável vazio, ao Nada absoluto:

Sonho que sou alguém cá neste mundo...
Aquela de saber vasto e profundo,
Aos pés de quem a Terra anda curvada!

E quanto mais no céu eu vou sonhando,
E quanto mais no alto ando voando,
Acordo do meu sonho... E não sou nada!... (ESPANCA, s.d., p. 74).

Qualquer pessoa que já tenha tido um mínimo contato com a obra poética de Sá-Carneiro sabe o quanto de identidade espiritual, em razão de um subjetivismo comum, há entre esta peça e muitas das do poeta aludido.

Mas não é apenas com Sá-Carneiro que a lírica florbiana estabelece profícuas relações: tendo sido grande admiradora daquele que pode ser considerado um dos maiores poetas simbolistas de Portugal, é principalmente na obra de Antonio Nobre que vamos encontrar uma inesgotável fonte de inspiração para a poetisa portuguesa. E não apenas formalmente falando - já que é freqüente nos dois autores o uso enfático das reticências, da síncope, do diminutivo e outros recursos lingüísticos -, mas também no que concerne aos temas tratados pelos mesmos: a imensurável tristeza, o individualismo encastelado, a contínua lembrança da infância, a solidão existencial. E, finalmente, em relação à adesão de ambos os autores aos motivos próprios do Simbolismo literário: o etéreo, o onírico, a ilusão arrebatadora, o sofrimento da alma como temática privilegiada (PEYRE, s.d.).

Não há, a título de exemplificação, como negar a influência que o poeta português exerceu em Florbela Espanca, quando lemos alguns de seus mais representativos sonetos:

Subi ao alto, à minha Torre esguia,
Feita de fumo, névoas e luar,
E pus-me, comovida, a conversar

Com os poetas mortos, todo o dia.

Contei-lhes os meus sonhos, a alegria
Dos versos que são meus, do meu sonhar,
E todos os poetas, a chorar,
Responderam-me então: 'Que fantasia,

Criança doida e crente! Nós também
Tivemos ilusões, como ninguém,
E tudo nos fugiu, tudo morreu!...'

Calaram-se os poetas, tristemente...
E é desde então que eu choro amargamente
Na minha Torre esguia junto ao céu!.... (ESPANCA, s.d., p. 29).

Não é apenas a forma fixa empregada pela poetisa, a abundância de sinais expressivos (reticências, pontos de interrogação) ou o uso de vozes alheias no interior do poema que faz com que Florbela se aproxime francamente de Antonio Nobre; mais do que isso, é fácil perceber uma série inesgotável de temas e motivos pertinentes à poesia de ambos: o tópico do isolamento, tendo a Torre como morada privilegiada do poeta; o clima etéreo, criado pelo emprego de termos específicos (fumo, névoa, luar); a presença do onírico (sonhar, fantasia, ilusões); a referência à infância (criança).

Por fim, podemos ainda afirmar que as relações que a obra de Florbela Espanca estabelece com a de outros autores não se restringem apenas aos poetas aqui citados: ao contrário, sua poesia tanto contém uma reconhecida ligação com autores próprios de seu país – como uma Sórora Mariana Alcoforado ou um Antero de Quental (MOISÉS, 1974) – conseguindo ainda ultrapassar os limites de sua pátria, com semelhanças facilmente detectáveis entre a sua produção e a de autores representativos da Literatura Brasileira, sobretudo se pensarmos no lirismo singular de um Manuel Bandeira ou de um Vinícius de Moraes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONCEICÃO JUNIOR, José Joaquim da. "Florbela Espanca". *Afinidades. Revista de Cultura Luso-Francesa*, No. 14/15: 59-70, Dez. 1945.

CUNHA, Maria Helena Ribeiro e PIVA, Luiz. *Lirismo e Epopéia em Luís de Camões*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

ESPANCA, Florbela. *Sonetos*. Lisboa: Europa-América, s.d.

ESPANCA, Florbela. *Diário do Último Ano*. Amadora: Livraria Bertrand, 1982.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1974.

PEYRE, Henri. *A Literatura Simbolista*. São Paulo: Cultrix, s.d.

TORRES, M. E. Nota Introdutória. In: ESPANCA, Florbela. *Sonetos*. Lisboa, Europa-América, s.d., p. 11-26.

Recebido em 22 de março de 2010.

Aceito em 20 de junho de 2010.